

em vez de 22 de abril; é que, naquele tempo, a carta de Pero Vaz de Caminha jazia esquecida na Torre do Tombo.

Cumpre, todavia, não amesquinhar o valor da História de Fr. Vicente pelos enganos que encerra e que hoje estão corrigidos pela crítica histórica e pelas modernas investigações, devendo-se ao contrário apreciá-la pelo que representa, como repositório de informações corretas e, acima de tudo, como testemunho vivo a respeito do Brasil do primeiro quartel do século XVII.

Tal como permanece e a despeito dos avanços da nossa historiografia, a obra do historiador franciscano conquistou lugar definitivo, na alta categoria das fontes obrigatórias sobre o antigo Brasil.

*

OLIVEIRA LIMA

Arrisson de Souza Ferraz

Deixou Manoel de Oliveira Lima obra alentada e multifária, fruto de atividades incessantes, como escritor e cultor das letras históricas. Descendente de nobres estirpes, nasceu em Recife, a 25 de dezembro de 1867. Na Capital Pernambucana, estudou as primeiras letras, fez as humanidades e iniciou o curso jurídico, concluído na formosa e faustosa Coimbra, edificada às margens do Mondego, no velho Portugal de nossos avoengos.

Terminados os estudos, aceitou convite para integrar a representação diplomática brasileira, na terra lusa, como Secretário de Legação. Investiu-se nas funções em 1890. Daí por diante, bateu por toda parte. De Lisboa a Berlim; de Berlim a Washington; de Washington a Londres; de Londres a Tóquio. Em 1904, segue como Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário para Caracas, onde o aguardava um problema de alta relevância. Resolveu-o com sabedoria, firmeza e responsabilidade, ao firmar, no ano seguinte, com a Chancelaria Venezuelana, dois protocolos, estabelecendo, com rigorosa observância dos interesses nacionais, nova demarcação de limites com a terra de Simão Bolívar. Anos mais tarde, é designado para a Bélgica, onde encerra a carreira diplomática com a aposentadoria.

Alisava, ainda, os bancos escolares, quando iniciou as atividades intelectuais, escrevendo nas revistas acadêmicas e na imprensa diária. A diplomacia não lhe arrefeceu esta vocação, antes a estimulou. Servia em Bruxelas, quando começou a publicar trabalhos e a fazer conferências sobre o Brasil, estas e aqueles no idioma francês. Ministrou, em 1911, em Paris, na Faculdade de Letras da Sorbonne, um curso sobre o tema “A Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira”. A promoção foi um sucesso. O curso, reunido em um volume, foi editado. Novo sucesso. Grande repercussão. Como conferencista, recebeu o epíteto de “Divulgador de Conhecimentos sobre o Brasil”; com o curso, recebeu, do escritor e diplomata sueco Goran Bjorkman, o título de “Embaixador Intelectual do Brasil no Velho Mundo”.

A ressonância do curso na Sorbonne e das conferências transpôs oceanos, correu mundos. Deu origem a um convite dos Estados Unidos para fazer-se ouvir, nos seus centros culturais e universitários, sobre os temas abordados na Europa: “A Terra e a Gente Brasileiras”. O convite foi aceito e Oliveira Lima deslumbrou, também, as platéias e auditórios da terra de Tio Sam.

Escreveu muito Oliveira Lima. Sem levar em conta os artigos de imprensa e trabalhos publicados em revistas e periódicos, deixou as seguintes obras: “Pernambuco e seu Desenvolvimento Histórico” — Recife, 1895; “Impressões Políticas e Sociais do Brasil” — Washington, 1899; “Impressões sobre o Descobrimento do Brasil, suas Primeiras Explorações e Negociações Diplomáticas” — Brasil, 1900 (obra premiada no Concurso de História Pátria no IV Centenário do Descobrimento); “Impressões da Terra e da Gente, Coisas Diplomáticas do Brasil” — Tóquio, 1908; “D. João VI no Brasil, considerado o trabalho mais importante, até então editado sobre aquele monarca, por fazer a reconstituição histórica de sua passagem pela nossa terra, com imparcialidade e com justiça; e “História da Civilização” — Brasil, 1919, trabalho laureado, com sete edições, obrigatório até a terceira década deste século, em nossos cursos de humanidades. Com esta obra lapidar, fizemos o curso de História Geral, da Academia de Polícia Militar de nosso Estado. Suas páginas, atraíam, seus capítulos encantavam. O confronto que fazia entre Alexandre Magno e Napoleão — Granico, Issus e Arbelles, os três grandes feitos de armas do filho de Filipe, no Oriente, e Toulon, Marengo e Austerlitz, as três vitórias consagradoras do Grande Corso, na Europa — era por demais fascinante.

Como Historiador, foi considerado o legítimo continuador de Varnhagen, o que lhe valeu o ingresso no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; como literato, subiu às maiores alturas em figurar nas fileiras dos funda-

dores da Academia Brasileira de Letras. Na Casa de Machado de Assis, teve assento na Cadeira Trinta e Nove, com o privilégio da escolha de seu Patrono. E ele não vacilou. Conferiu a dignidade ao eminente historiador sorocabano; como diplomata, serviu ao Brasil com saber e com grandeza. Pela sua obra, nos domínios da Mestra da Vida, nossa jovem Academia foi buscá-lo e elevou-o às culmínias da Cadeira Número Dez. É a Cadeira que ocupo nesta Casa. Meus agradecimentos à Equipe Fundadora por ter-me colocado sob a sombra protetora de uma figura de tamanha dimensão.

Manoel de Oliveira Lima deixou a vida, mas não deixou este mundo. Está presente na sua História e na História que outros escreveram; está presente na sua vasta e variada bibliografia; está presente nos capítulos das instituições culturais; está presente nas efemérides da Diplomacia Brasileira; está presente nas ruas e praças das cidades e das metrópoles. Está presente nos anais da Academia Paulista de História.

Jesus Cristo já ensinava na sua pregação: “A César o que é de César !”

*

SERAFIM LEITE

Divaldo Gaspar de Freitas

O “Elogio Histórico” de um Homem que escreveu a monumental **História da Companhia de Jesus no Brasil** não poderá ser feito no limitadíssimo espaço de tempo (10 a 15 minutos) que a Academia Paulista de História concede aos seus membros fundadores para exaltarem a obra dos seus patronos. Como se trata de uma resolução, que precisa ser cumprida, acatarei a ordem recebida e tentarei desempenhar-me da missão que me foi outorgada, procurando sintetizar, no menor número possível de páginas, o valor de uma extensa, variada e primorosa obra, relacionada em 1962 pelo Pe. Miguel Batllori, bibliografia que abrange 295 verbetes, alguns deles incorporados, mais tarde, às suas obras de maior porte, substancialmente aumentados e devidamente revistos, e 75 recensões de livros alheios, a que se torna necessário fazer aditamentos substanciais, dado que ele trabalhou até à sua morte, ocorrida em Roma em 27 de dezembro de 1969: a de Serafim Leite.